

JORNAL DOS CEGOS

Revista de educação e ensino intellectual e professional dos cegos

Todos os lucros d'esta publicação serão offerecidos pelo seu redactor ás Officinas «Branco Rodrigues» instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide

<p>REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa</p>	<p>REDACTOR BRANCO RODRIGUES</p>	<p>PUBLICAÇÃO MENSAL Assignatura por anno 500 réis</p>
--	---	---

Caíel

A notabilissima escriptora que, sob este pseudonymo, conquistou um logar proeminente no nosso mundo litterario, escreveu ácerca dos cegos um primoroso artigo do qual extrahimos os seguintes periodos:

«Eu sei que o meu paiz é um paiz de incredulos e de desenganados. E parece haver para isso razão. O mundo, encarado em muitos dos seus aspectos, é mau; nunca, em nenhum tempo, foi bom.

«Não fica, porém, menos verdadeiro que o mundo, tomado de diverso e mais particular ponto de vista, parece bom, e nunca, antes do nosso tempo, pareceu melhor.

«Eu preferi sempre olhar d'este lado; e d'aqui, sem duvida, o não contar-me ainda no numero de tantos desilludidos, que mui pouco devem contribuir para a cohesão d'esta pobre nacionalidade. Elles teem — bem sei — o orgulho dos seus fortes e cabalisticos raciocinios. Mas nós, os simples e mediocres, temos a fé e as grandes alegrias que ella, uma ou outra vez, nos promove...

«Que grande alegria me não foi agora ver decretado — o ensino official dos cegos em Portugal!

«Antes de tudo — eu não conheço pessoalmente o sr. João Franco Castello Branco. E tambem não sinto em mim a menor aptidão ou tendencia para criticar nenhum dos seus actos politicos. Quer-me, porém, parecer

que um ministro que promulgou semelhante lei, poderia, em boa consciencia, absolver-se de boa parte dos seus erros politicos, se — porque é humano — os commetteu.

«Tem-se demonstrado mais de uma vez, sem rhetorica, e citando simplesmente factos, que Portugal, a muitos respeito, está abaixo da civilização japoneza.

«A respeito de ensino publico, por exemplo, é facil fazer a demonstração, como a respeito de *sociologia* e de tanto mais!

«Melhorar a sorte de todos, dando a cada um bocado de felicidade honesta e intelligente, é o grande problema d'este seculo, imposto ás cabeças dirigentes e aos corações altruistas, desde que no vocabulario humano appareceu nitidamente definida a palavra *philantropia*.

«Trazer a lume, para que se ventile e se resolva qualquer componente d'esse grandioso problema, é ser ministro, não de uma corôa terrena, mas de outra magistratura mais alta, ante a qual se teem curvado, devotos e agradecidos, os homens de todas as epochas. Tal o papel assumido pelo sr. João Franco Castello Branco, creando em Portugal o *ensino official dos cegos*.

«Não é, de certo, coração o que nos tem faltado. O coração portuguez sempre teve alta cotação — valha-nos essa ao menos! — no oscillante mercado do sentimento humano. A lusa caridade gosa de uma reputação que transcende os estreitos limites do paiz. E, no emtanto, ha cordas d'essa harmoniosa lyra que nunca ainda soaram por ignorancia ou desleixo do tangedor, ou que apenas soaram desafinadas, falseando o effeito.

«Quereis um exemplo? Os cegos portuguezes! Miserando espectáculo! . .

«Descancemos d'esta má impressão buscando algures o quadro enternecedor. Surge uma alleluia.

«Vêde a França ligeira, a Inglaterra fria, a Allemanha positiva, a poetica Suissa, a laboriosa America. — O que fizeram essas fortes, equilibradas e crentes nações, de uma das maiores miserias humanas — a cegueira? Escalpellaram-na, decompuzeram-na, transformaram-na, aniquilaram-na.

«Com todo o ardor da fé acrisolada tomou-se o cego, que era o paria, o leproso, vivendo do opprimente dó, muita vez mesquinho objecto da irrisão ignara, e fez-se d'elle *um homem*.

«Se elle originariamente só era menos ditoso do que os outros homens, socialmente devia ser o mais favorecido e o mais considerado.

«E a humanidade tomou como ponto de honra pagar aquella divida da natureza.

«Abriram-se logo para os cegos escolas especiaes, onde se lhe deu para o espirito: a leitura, os algarismos, a musica — para o coração: o ardor da independencia e do trabalho — para a bolsa: o fructo dos maravilhosos productos d'essas officinas d'onde teem abundantemente saído para o trafego e convivio social, os organistas, os afinadores e constructores de pianos, os professores, os cesteiros, os esteireiros, os palheireiros, os fabricantes de escovas, etc.

«Á frente de todas essas instituições de *educação* ou de *protecção* aos cegos, brilha ainda hoje a gloriosa *decana* — *Institution nationale des jeunes aveugles, de Paris*, fundada em 1784, de que foi distincto alumno M. Jamet, um cego largamente conhecido em Lisboa, pelos seus serviços musicaes e pedagogicos.

«Assim deu a França ao mundo um grande exemplo, adornando-se com o brasão de mais uma brilhante iniciativa.

«Ha, pois, um seculo que os videntes da civilisação tratam de approximar de si, pelos laços da intelligencia e do trabalho, a phalange sympathica dos cegos. N'essa obra sublime, qual tem sido a cooperação de Portugal? Officialmente, nenhuma. Nada absolutamente.

«De impulso particular alguma cousa se fez nos ultimos sete annos.

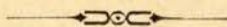
«Desde Luiz Braille, esse inspirado cego, cujo maravilhoso invento constitue hoje, como uma ligação electrica entre todos os cegos do mundo, a ingente obra da *annullação* da cegueira tem percorrido degraus, que é forçoso seguir até ás officinas a cuja porta o cego nos apparece miraculosamente transformado pelo trabalho.

«Agora que ha já uma lei, que se trata de discutir o projecto de um instituto, que se principiou a fazer o recenseamento dos cegos portuguezes, que apparece um homem energico e sabedor do assumpto, porque o sente, e porque foi estudal-o nos seus principaes focos — o sr. Branco Rodrigues que, entre tantos e tão valiosos serviços á grande causa, acaba deprehender a publicação de um *Jornal dos Cegos*, — eu não creio que possamos retroceder, abandonando o campo onde já tanto se ha semeado, e onde os fructos são seguros e abundantes.

«Por minha parte, cegos portuguezes, felicito-vos pelo advento de uma epocha durante a qual ides ver transformada a vossa existencia. É com en-

ternecimento e com orgulho que eu vos annuncio a grande nova: O pão do espirito que vos devemos está já sendo amassado n'um afanoso laboratorio, onde lidam por vós dedicações sinceras. Em pouco, aqui como alem, vós sereis contados *unidades sociaes*, com os mesmos direitos e deveres que nos incumbem.

«E quanto não é remunerador e bello, queridos irmãos, batalharmos para vos dar, a vós tambem, a maior alegria do mundo — a incomparavel, a nobilissima, a desafogada alegria do trabalho!»



INSTITUTOS ESTRANGEIROS

Escola Braille, em Saint-Mandé (arredores de Paris)

(Continuação)

Se são casados, suas mulheres recebem 0,30 centimos por dia (67 réis).

Se são as cegas que teem maridos com vista, estes só começam a receber o subsidio, quando attingem a idade de sessenta annos.

Se tiverem filhos, recebem até á idade de quatorze annos 0,15 centimos por dia.

Quando os filhos completam quinze annos são obrigados a aprender um officio.

Em caso de doença os cegos, ou as pessoas de sua familia, são admitidos na enfermaria.

O hospicio fornece ao cego pensionista a habitação, mas o cego é obrigado a mobilal-a. A mobilia fica sendo propriedade do cego ou dos seus herdeiros.

O cego celibatario tem só um quarto independente.

Os que são casados, têm quarto e sala.

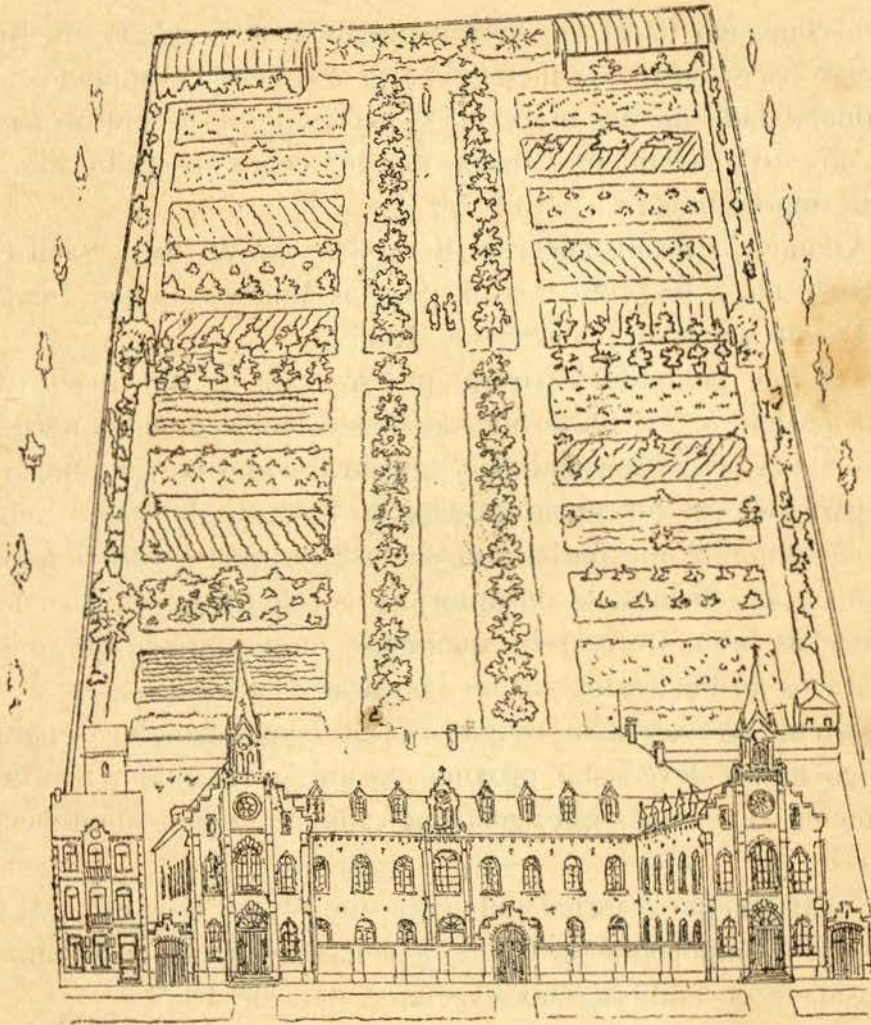
Os cegos são completamente livres, podem sair e entrar no edificio, assim como as pessoas de familia, á hora que lhes convenha, desde as cinco da manhã até ás dez da noite.

As mulheres dos cegos, ou os maridos das cegas, podem ir trabalhar fóra, ganhar a sua vida.

No magnifico edificio existe uma sala de jogo de bilhar hollandez, para os cegos se entreterem, e uma sala de leitura, onde, de manhã, das onze

ao meio dia, um empregado, com vista, lê os jornaes, escolhidos pelos cegos. De tarde, das quatro ás seis horas, o mesmo empregado faz a leitura de livros, tambem escolhidos pelos cegos.

N'esta mesma sala realisam-se concerto todas as semanas, durante o inverno, para distracção dos pobres cegos.



INSTITUTO REAL DE SURDOS-MUDOS E CEGOS DE BRUXELLAS

No grande jardim, que está junto do hospicio, ha diversos jogos, em que elles muito se entreteem.

Se é triste a visita a este estabelecimento, consola-nos, comtudo, a idéa da grandeza do bem que a França prodigalisa áquelles seus trezentos des-

graçados filhos, que muito mais desgraçados seriam se a caridade dos governos desprezasse os cegos, como até hoje, vergonha é dizel-o, tem acontecido em Portugal.

Instituto Real da Belgica em Woluwe (Saint-Lambert), Bruxellas

Assim como em Paris, fui extremamente bem recebido em Bruxellas.

O nosso vice-consul, a quem mostrei os meus documentos officiaes, teve a amabilidade de me escrever as cartas de apresentação para os directores dos estabelecimentos de ensino dos cegos d'esta cidade, que são realmente importantes.

A 8 kilometros de distancia de Bruxellas, em Woluwe, Saint-Lambert, está estabelecido o Instituto Real de Surdos Mudos e Cegos, fundado pelo abbade Trieste em 9 de fevereiro de 1835.

Se bem que pelo titulo pareça que se trata de um unico estabelecimento de ensino, a verdade é que são dois estabelecimentos perfeitamente distinctos, embora estejam ambos installados no mesmo sumptuoso edificio. E tão separados, que o proprio director do Instituto dos cegos nem sequer conhece os alumnos que pertencem ao Instituto dos surdos mudos.

As aulas, as officinas, os dormitorios, os refeitórios, as salas destinadas para passar as horas de recreio, quando o tempo impede que os alumnos saíam para os jardins, estes jardins, as casas de lavatorio e até as capellas, onde assistem aos exercicios religiosos, são completamente separados.

O cego nunca deve estar proximo de um surdo-mudo. São dois entes perfeitamente distinctos, que, pedagogicamente, não podem nem devem conhecer-se.

Pela gravura que o jornal publica e que obtive, por especial favor do director d'este importante instituto, podem os leitores fazer uma idéa da sumptuosidade do edificio, cuja existencia data de 1873.

Frequentam este importante estabelecimento sessenta alumnos cegos e cento e vinte surdos-mudos.

O Instituto pertence aos irmãos de S. Vicente de Paula, a quem o governo belga paga as pensões dos alumnos pobres. O preço da pensão é de 525 francos annuaes, que podem ser satisfeitos em quatro prestações: em outubro, dezembro, março e junho.

(Continúa)

INSTITUT ROYAL DES AVEUGLES DE DRESDE

Mémoire écrite par M. A. BÜTTNER, directeur de cet Institut
à la demande de M. BRANCO RODRIGUES, rédacteur du «Jornal dos Cegos»

L'Institut des aveugles de Dresde fut fondé en 1809, comme école particulière; il jouit dès l'abord de l'appui de la haute société et de la protection du roi Frédéric Auguste I^{er} qui le dota de plusieurs bourses et l'encouragea de toutes manières. A l'origine l'Institut ne devait être qu'une école, bientôt on chercha non-seulement à instruire les aveugles mais à les rendre capables de gagner leur vie. On ne tarda pas à faire l'expérience que l'éducation donnée à l'Institut ne suffisait pas à assurer aux élèves une position et que après leur départ de la maison, la plupart se livrait tôt ou tard à l'oisiveté et à la mendicité. Le public manquait de confiance dans la bien facture des travaux, plusieurs personnes compatissantes faisaient l'aumône aux aveugles, tandis que d'autres n'ayant pas été dans l'Institut leur donnaient un mauvais exemple, les entraînaient de leur côté, de sorte que d'anciens élèves tombaient dans le vice ou terminaient leur vie dans des établissements de charité.

On ne crut pouvoir remédier autrement au mal qu'en établissant pour un certain nombre d'anciens élèves un asile, où ils trouveraient de l'occupation et leur entretien, puis en développant aussi le talent des musiciens aveugles et comme cela n'était pas possible à l'Institut en les envoyant aux frais de l'établissement dans un conservatoire pour en faire des artistes. Malheureusement ces deux moyens échouèrent. Ceux qu'on avait installés à l'asile s'y sentaient mal à l'aise. Ils ne tardèrent pas à oublier les grands bienfaits qu'ils y recevaient, à s'opposer aux règlements de la maison et à soupirer après la liberté, la plupart répondant à la bonté et à l'affection qu'on leur y témoignait, par de l'insubordination et de l'ingratitude. Les musiciens, perfectionnés à un haut degré se distinguèrent souvent dans des concerts qu'ils donnèrent même quelquefois à la cour, pour finir pitoyablement comme musiciens ambulants, où dans des hôpitaux.

En 1831 l'Institut de Dresde fut transmis à l'État, celui-ci décida la dissolution de l'asile et accorda aux pensionnaires toute liberté de le

quitter ou d'y rester. Un très petit nombre seulement choisit cette dernière alternative. Dès lors les aptitudes musicales ne furent développées que très rarement, et encore fallut-il faire l'expérience que cette étude ne pouvait avoir aucun résultat pratique pour les aveugles du royaume de Saxe.

Découragés par tant d'insuccès beaucoup commençaient à mettre en doute la valeur réelle de l'instruction des aveugles. A quoi bon, disait-on, arracher un aveugle à sa misérable condition, l'instruire et l'accoutumer à des besoins plus élevés, si après avoir quitté l'Institut, il doit retomber dans la misère dont il ne ressentira que plus vivement l'amertume. Ce fut alors que le directeur de l'Institut de Dresde eut l'heureuse idée de créer des fonds qui assureraient aux élèves les fruits de leur éducation. Le but spécial de cette dotation était de soutenir et d'encourager au travail les anciens élèves. Cette idée pratique était d'une nécessité si absolue qu'elle ne tarda pas à réveiller l'intérêt du public. Dans cette Saxe industrielle, où depuis longtemps on s'est accoutumé à apprécier tout travail productif, aussi bien que l'ouvrier lui-même, il était tout naturel qu'une institution de ce genre trouvât des amis disposés à la soutenir en fournissant à ces malheureux les moyens de lutter contre le mal et d'occuper une place utile dans la société.

Peu à peu et surtout sous le second directeur de l'Institut de Dresde, qui savait enthousiasmer pour sa généreuse idée toutes les classes de la société, le fonds de secours s'agrandit tellement que bientôt chaque élève à sa sortie de l'Institut put recevoir un subside considérable, les vieux et les malades recevant davantage que les jeunes et les bien portants. Mais je reviendrai là-dessus. Ici je me borne à constater que l'assistance des anciens élèves les tient en relation continuelle avec le directeur qui, de cette manière, peut mieux juger de la direction à donner à l'éducation des aveugles et remarquer, en même temps, combien chaque faute commise dans celle-ci influe sur la vie toute entière. Grâce à cet échange continu entre la direction et les anciens élèves, celle-ci n'a pas discontinué à réaliser de nouveaux progrès afin de maintenir les aveugles de Saxe dans un constant développement, en tenant compte de la marche des affaires industrielles du pays.

(La suite au prochain numéro)